

**TRAÇOS LINGUÍSTICOS DE CONSERVAÇÃO  
NO PORTUGUÊS FALADO EM RIO DAS RÃS**

Jodalmar Oliveira Rocha Teixeira (UESB)

[mmara.teixeira@hotmail.com](mailto:mmara.teixeira@hotmail.com)

Jorge Augusto Alves da Silva (UESB)

[adavgvstvm@gmail.com](mailto:adavgvstvm@gmail.com)

Marian dos Santos Oliveira (UESB)

[marian.oliveira@uesb.edu.br](mailto:marian.oliveira@uesb.edu.br)

**RESUMO**

Na história das diferentes civilizações, há, sempre, interações entre elas, ocasionando, em cada uma, alterações no modo de agir e pensar desenhadas por suas respectivas sócio-histórias e que aparecem refletidas no léxico. Nesse percurso, Palavras que surgem e caem em desuso, “num processo contínuo e natural de neologia e obsolescência”, são o reflexo mais perfeito dessas mudanças (PRETI, 1998). Para Megale e Toledo Neto (2005), a possibilidade da presença de traços conservadores em uma variedade linguística é fortemente condicionada a fatores sociais como baixa escolaridade e isolamento geográfico. Partindo desses pressupostos, tomamos como objeto de estudo a variedade do português falada no quilombo de Rio das Rãs, localizado no oeste baiano, no intuito de identificar, descrever e analisar marcas de conservação presentes nos níveis fonológico e lexical do português falado naquela comunidade. Para esse fim, seguindo a metodologia laboviana, utilizamos como *corpus* de análise *O Português Afro-brasileiro*, constituído pelo Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em Sociofuncionalismo da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, ancorados nos fundamentos da Lexicologia (BIDERMAN, 1978; 1998; 2001; VILELA, 1957; 1979; 1994), da Linguística Histórica (MATTOS E SILVA, 2004; 2006; 2008;) e da Sociolinguística (LABOV, 1972; 1982).

**Palavras-chave:**

Lexicologia. Rio das Rãs. Traços de conservação.

**ABSTRACT**

In the history of different civilizations there are always interactions between them, causing, in each one, changes in the way of acting and thinking designed by their respective socio-histories and that are reflected in the lexicon. In this course, words that appear and fall in disuse, “in a continuous and natural process of neology and obsolescence”, are the most perfect reflection of these changes (PRETI, 1998, p. 119). For Megale and Toledo Neto (2005), the possibility of the presence of conservative traits in a linguistic variety is strongly conditioned to social factors such as low education and geographic isolation. Based on these assumptions, we took as object of study the variety of Portuguese spoken in the quilombo of Rio das Rãs, located in western Bahia, Brazil, in order to identify, describe and analyze conservation marks present in the phonological and lexical levels of the Portuguese spoken in that community. For this purpose, following Labovian methodology, we used as *corpus* of analysis *O Português Afro-brasileiro*, constituted by the Research Group on Historical Linguistics and Social

**Functionalism of the Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, anchored on the foundations of Lexicology (BIDERMAN, 1978; 1998; 2001; VILELA, 1957; 1979; 1994), Historical Linguistics (MATTOS E SILVA, 2004; 2006; 2008;), and Sociolinguistics (LABOV, 1972; 1982).**

**Keywords:**

**Lexicology. Conservation traits. Rio das Rãs.**

## ***1. Introdução***

A vertente rural do português popular do Brasil, em linhas gerais, compartilha muitos traços com a variedade popular desta nossa língua, em toda a sua dimensão, mormente com aquela falada nas pequenas cidades interioranas, pouco marcadas por intensos processos de urbanização. Não obstante essa semelhança facilmente verificável, há que se reconhecer o caráter conservador da variedade rural em relação à variedade popular urbana. Quanto menos influência de grandes centros urbanos houver, os falantes das pequenas cidades e zonas rurais do Brasil carregarão em sua língua(gem) traços mais conservadores, conforme demonstram as pesquisas desenvolvidas por Castro (1967), Antunes (2005), Almeida (2006), Coelho (2010) e Souza (2014), por exemplo. Tal característica configura-se como resultado de um isolamento linguístico e cultural em relação aos grandes centros urbanos por um longo período.

Castro (1967, p. 26), ao discutir a influência das línguas africanas na linguagem popular baiana, sublinha que as zonas rurais são arcaizantes por natureza, onde se fala “(...) um português de substrato quinhentista, aspecto que de resto conservam todos os falares rurais do Brasil”. Sobre tal substrato, esclarece a pesquisadora:

[...] atuaram aloglotas, neste caso os escravos africanos que se meteram a falar a língua, que, se de um lado contribuíram para torná-la mais variada e expressiva, por outro lado contribuíram para torná-la ainda mais arcaizante. (CASTRO, 1967, p. 26)

Esse conservadorismo característico do português popular rural é marcado, sobretudo, por peculiaridades fonético-fonológicas e lexicais pertencentes a estágios pretéritos da língua portuguesa, datados entre os séculos XIII ao XIX.

Isto posto, tomamos como objeto de estudo, neste trabalho, a variedade do português falada no Quilombo de Rio das Rãs, Bahia, no intuito de identificar, descrever e analisar marcas de conservação presentes nos níveis fonológico e lexical do português falado naquela comunidade.

A análise aqui apresentada, segundo os pressupostos teórico-metodológicos da Lexicologia (Cf. BIDERMAN, 1978; 1998; 2001; VILELA, 1957; 1979; 1994), da Linguística Histórica (Cf. MATTOS E SILVA, 2004; 2006; 2008;) e da Sociolinguística (Cf. LABOV, 1972; 1982), baseia-se em dados coletados do *corpus* O Português Afro-brasileiro, constituído pelo Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em Sociofuncionalismo da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB.

Verificamos, especificamente, que há, no vernáculo do Quilombo de Rio das Rãs, traços do português arcaico já descritos entre os séculos XIII e XV, que apontam para a hipótese de conservação linguística, sustentada no fato de que, por ser dinâmica, toda língua em uso é conservadora e inovadora, e porque fatores como o isolamento geográfico relativo, o acesso limitado ou ausente à educação, à tecnologia e aos meios de comunicação, situação na qual se encaixa a comunidade de Rio das Rãs, poderiam favorecer a conservação de aspectos do português falado no Brasil em períodos bastante recuados no tempo.

Com este trabalho, pretendemos ampliar o debate sobre aspectos relacionados à conservação e/ou inovação das variedades da língua portuguesa e contribuir para o conhecimento da diversidade linguística do Português falado no Brasil.

## **2. Considerações sobre o arcaísmo**

Segundo Mattos e Silva (2009, p. 18), nas variedades rurais brasileiras, encontram-se vocábulos que parecem ter desaparecido do português culto. Conforme a autora, “(...) os arcaísmos, menos estudados que os neologismos, ao parecerem extintos, reaparecem pelo menos em variedades rurais brasileiras (MATTOS E SILVA, 2009, p. 18)”.

Embora menos estudados, conforme observa a autora, o conceito de arcaísmo, palavras arcaicas, termo arcaico, no entanto, é fartamente tratado na literatura pertinente, como já o fizera Fernão de Oliveira (2000 [1536]), em sua *Gramática da linguagem portuguesa*, referindo-se a eles como “dições velhas”.

Para Camara Junior (1977), numa dada sincronia, é possível a convivência de construções que refletem estágios diferentes da língua, e define os arcaísmos como

[...] vocábulos, formas ou construções frasais que saíram do uso na língua corrente e nela refletem fases anteriores nas quais eram vigentes. Do ponto de vista da língua comum e sua norma, diz-se que há arcaísmos em falares regionais, em que se mantêm por tradição oral formas e construções que a língua comum abandonou e não entram no seu uso normal. (CAMARA JUNIOR, 1977, p. 58)

Não obstante as várias definições, um aspecto do arcaísmo comum nos autores pesquisados é que ele é o emprego de formas ou expressões que deixaram de ser usadas ou que são mais raras num determinado estado de língua. Para evitar uma adjetivação imprecisa (expressões “novas” e “velhas”, período “antigo” etc.) e um julgamento subjetivo em torno da “idade” das expressões, preferimos considerar o critério cronológico e tomar como marco divisório entre os períodos arcaico e moderno da língua o século XVI, tal como sugerido por Coutinho (1976) e também adotado por Mattos e Silva (2004; 2006; 2008).

Desse modo, consideramos como arcaísmos aspectos gramaticais e lexicais comuns entre os séculos XIII e XV, os quais, por motivos vários, perderam espaço ao longo do tempo, não sendo mais usuais na variedade padrão, ficando restritos à linguagem popular ou do meio rural.

Na próxima seção, apresentamos alguns casos de metaplasmos e retenções lexicais encontrados em nossa amostra, com vistas a exemplificar o caráter conservador da variedade da língua portuguesa por nós investigada.

### 3. *Aspectos arcaizantes do português falado em Rio da Rãs*

Originalmente denominado Mocambo do Pau Preto, Rio das Rãs foi um dos primeiros quilombos da Bahia. Após ter experimentado um período de violentos conflitos pela posse de suas terras, iniciado em 1974, a comunidade foi oficialmente reconhecida como remanescente de quilombo em 1996 pela Fundação Palmares (Cf. CARVALHO, 1993).

Em razão de ter se mantido em relativo isolamento geográfico, cultural e linguístico desde o princípio de sua sócio-história, diretamente relacionada ao processo de ocupação do sertão baiano e ao tráfico negreiro interno, a comunidade carrega em seu falar traços de conservação verificáveis, sobretudo, nos níveis fonológico e lexical. Alguns desses traços são aqui apresentados por tipo, e exemplificados com dados de nosso *corpus*, apenas com o intuito de se promover uma visão mais ampla do conjunto levantado.

A análise ora apresentada, segundo os pressupostos teórico-metodológicos da Lexicologia (Cf. BIDERMAN, 1978; 1998; 2001; VILELA, 1957; 1979; 1994), da Linguística Histórica (Cf. MATTOS E SILVA, 2004; 2006; 2008;) e da Sociolinguística (Cf. LABOV, 1972; 1982), baseia-se em dados coletados do *corpus* O Português Afro-brasileiro, constituído pelo Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em Sociofuncionalismo da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Esse *corpus* foi composto a partir das ocorrências de fala de 24 (vinte e quatro) informantes pertencentes à comunidade quilombola de Rio das Rãs, situada no município de Bom Jesus da Lapa, oeste do Estado da Bahia, selecionados de acordo com fatores extralinguísticos preestabelecidos, a saber: sexo (masculino/feminino); escolaridade (analfabetos/0 a 2 anos de escolaridade/3 a 5 anos de escolaridade); faixa etária (jovens – 25 a 35 anos/ adultos – 45 a 55 anos/ idosos – 65 anos ou mais) e estada fora da comunidade (6 meses a 1 ano).

Entre os arcaísmos identificados, há uma frequência maior de metaplasmos, que podem ser definidos, segundo os propósitos deste estudo, nos moldes de Coutinho (1976, p. 143), como “modificações fonéticas que os vocábulos sofreram ao longo da sua evolução” sem, contudo, lhes causar diferença de significado. Os metaplasmos são divididos pelo autor em quatro grupos: por permuta, por aumento, por subtração e por transposição. Dependendo da posição em que ocorrem, recebem nomes específicos, cujo detalhamento, por hora, não é escopo desta pesquisa.

Os exemplos a seguir correspondem a construções encontradas em nosso *corpus*, tomando por base o cotejo com obras do chamado período arcaico da língua portuguesa ou indicações de arcaísmos apresentadas por Silva Neto (1979) e Coutinho (1976), por exemplo, que seguem o critério cronológico na demarcação das fases da língua portuguesa.

Vejamos, adiante, alguns casos de metaplasmos encontrados em nossa amostra.

a) **Aférese** (subtração no início da palavra):

- (1) Eh, a gente, a coleta da gente aqui é assim. Cada família faiz um buraco assim na terra, ou intão **ruma** aquele balde, arruma aquele balde e vai mazenano o lixo, vai mazenano aquele lixo ali, aí vai chegá naquele meis, aí chegá e quemar aquele lixo, quemar ou intão enterrar. (M.M.S.F., 29 anos, M, Rio das Rãs)
- (2) [...] meu pai já otro dia, ele por causa das vista, ele já não dá uma **sinatura** [...]. Agora não sei porque, não sei porque não,

porque a vó minha foi uma vó muito sofrida, ela foi uma pessoa muito sofrida, ela foi uma pessoa já foi inté **marrada** de corda [...]. (I.C.S.S., 28 anos, F, Rio das Rãs)

b) **Síncope** (subtração no interior da palavra):

- (3) Trazia mandioca era de... barco... e a gente ia, a gente pra nós pegava... e aí os home trazia as mandioca e as mulhé ia pegano-botano na bacia, na gamela, no saco, botava na cabeça e ia botar na casa de farinha lá ô... ajudava os home carregar... pá poder nós **rapá** ô, se não se nós não ajudasse não... ia passar o dia todo e não **rapava**, né. (A.N.S.B., 45 anos F, Rio das Rãs)
- (4) [...] eu já peguei nimufada, era aquele trem redondo, é, a, a, enche assim de capim, e aí trocava aqueles **birro**, tinha um bucado de **birro**, a gente troca, depois faz aquelas renda, né? (A.D.S., 66 anos M, Rio das Rãs)

c) **Apócope** (subtração no final da palavra):

- (5) **Ante** de eu casaá, trabalhaá, eu arrumei otro, e aí, foi cinco namorado, namorei quatro e no cinco eu casei. (M.A.X., 30 anos, F, Rio das Rãs)
- (6) Hoje em dia você pranta o milho, pranta abroba, pranta o feijão, e acaba você, **na** pegano nada. Nem as paia pros bicho cumê hoje em dia, **nã** tá quase, hum, **nã** tá teno. Que **nã** tá dano. (M.M.S.F., 29 anos, M, Rio das Rãs)

d) **Prótese** (aumento no início da palavra):

- (7) Eu ia, lavava, botava pra secar a blusinha da pescaria, por ali mesmo ele já **arrudiava**, panhava a roupa e vistia pra vim pumei de gente. (L.F.S.S,70 anos, F, Rio das Rãs)
- (8) (...) menino só faltava rancar o solado do pé,correno atrás de galinha pra pegá. Pra vendê aqueles lanhero, que **evinha** naquelas barca, que tinha de primera, né? (L.F.S, 70 anos, F, Rio das Rãs)

e) **Epêntese** (aumento no interior da palavra):

- (9) Aí, aí, os pessoal procura de barco. Procura de barco e **despois** de vinte e quatro hora o corpo aboia. O corpoaboia o seguinte que é. Se eu não me engano foi dois dia pra achá o corpo. (G.F.S., 29 anos, M, Rio das Rãs)

(10) Meu esposo foi muito, a remo, de barco pra Lapa. Ia e vinha. Pra gente comprar uma coisa era a maió **dificuldade**, pra fazer uma ferinha pra trazê pra casa. Nã tinha onde. (L.F.S.S. 70 anos, Rio das Rãs)

f) **Paragoge** (aumento no final da palavra):

(11) Ele achô o corpo (...). Depois de vinte e quatro hora, o **féli** estora, aí a boia. Aí a pessoa acha e bota no barco e pega (...). (G.F.S., 29 anos, M, Rio das Rãs)

g) **Metátese** (troca da posição de fonemas na mesma sílaba):

(12) Muié, no tempo que paria, também não usava **perfume** [...]. (V.A.S., 70 anos, F, Rio das Rãs)

(13) Eu me lembro uma vez que tava lá em casa, aí veio a inchente e muito difícil cama, hoje a gente diz cochão, mais antigamente a gente não tinha condições era de grama que era, botava grama, era, fazia o cochão que era, cama, coisa errada coisa que era quatro furquilha e fazia, quando a gente deitava e **drumicia** os pé e manhecia o dia, o rio já tava dento de casa, na inchente (...). (G.F.S., 29 anos, M, Rio das Rãs)

Junto aos metaplasmos em destaque nos exemplos acima, citamos algumas unidades lexicais identificadas no acervo vocabular dos moradores de Rio das Rãs, que se encontram presentes nas obras lexicográficas consultadas, mantendo, em todas elas, a mesma forma e acepção: *acudi(r)*: estar disposto a auxiliar; *alumia(r)*: iluminar; *aparta(r)*: afastar; *bota(r)*: por em algum lugar; *causo*: acontecimento; *finado/a*: falecido/a; *labuta(r)*: lidar, trabalhar; *peleja(r)*: batalhar, lutar; *zela(r)*: cuidar. Além de conservar o sentido, em quase sua totalidade, o que aponta para a predominância de manutenção semântica, os nossos dados nos possibilitam, por um lado, entrever o caráter conservador do português falado em Rio das Rãs e, por outro, as mudanças ocorridas. Por conseguinte, não são apenas um importante subsídio para o conhecimento da língua em uso na comunidade estudada, mas também para uma melhor apreensão e compreensão das formas que persistem ao longo dos tempos.

## 5. Conclusões

Os metaplasmos e itens lexicais identificados como arcaicos no falar da comunidade investigada, por um lado, atestam o caráter conser-

vador da linguagem e, por outro, através das imagens para as quais apontam, evidenciam a influência do fenômeno de modernização tardia por que passa o Quilombo de Rio das Rãs, *locus* desta pesquisa.

Os usos aqui apontados, ainda presentes na linguagem popular “roceira” daquela comunidade e de tantas outras, rurais e quilombolas brasileiras, carecem de mais investigações, para um melhor conhecimento e entendimento do uso efetivo das variedades do português falado no Brasil. Esperamos, pois, contribuir com alguns passos dados nessa direção e incentivar novos estudos.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática, 1990.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: \_\_\_\_\_. *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. Campo Grande-MS: UFMS, 1998.

\_\_\_\_\_. *Teoria Linguística: teoria lexical e linguística computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712–1728. 8 v.

CARVALHO, José Jorge de (Org.). *Laudo antropológico sobre a comunidade rural negra do Rio das Rãs*. Coordenação. Brasília, Nov. 1993.

CASTRO, Yeda Pessoa de. A sobrevivência das línguas africanas no Brasil: sua influência na linguagem popular da Bahia. *Afro-Ásia*, n. 4-5, Salvador, 1967. DOI: 10.9771/aa.v0i4-5.20350. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20350>. Acesso em: 30 abr. 2022.

CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 2010.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa*. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010. 2222p.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LABOV, William. *Sociolinguistics Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O português arcaico*. Fonologia, morfologia e sintaxe. São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_. *Caminhos da linguística histórica: ouvir o inaudível*. São Paulo; Parábola, 2008.

\_\_\_\_\_. O conceito relativo de neologismo e arcaísmo: um estudo pan-crônico. In: OLIVEIRA, K.; CUNHA E SOUZA, H.F.; SOLEDADE, J. (Orgs). *Do português arcaico ao português brasileiro: outras histórias*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 11-20

MEGALE, Heitor; TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida. Traços de língua antiga conservados nas trilhas das bandeiras. In: DIETRICH, W.; NOLL, V. (Orgs). *O português do Brasil – perspectivas da pesquisa atual*. Frankfurt/Madrid: Iberoamericana/Vervuert, 2004. p. 27-54

SILVA NETO, Serafim da. *História da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal; 1970 [1956].

VILELA, Mário. *Estudos de Lexicologia do Português*. Coimbra: Almedina, 1994.